

**ANAIS
e outros documentos**

Rio de Janeiro
Agosto / 2000

**A SAB
Estatutos
Código de Ética
Arqueologia Brasileira: 1997**

**Textos da IX SAB
Resumos da IX SAB
IX Congresso SAB (Programação)**

**Editorial
Informações Gerais
Como Usar Este CD**





ARQUEOLOGIA HISTÓRICA: UMA RELEITURA DOS DESCOBRIMENTOS

Marcos Albuquerque

Coordenador do Lab. de Arqueologia da UFPE

Pesquisador do CNPq

[e-mail: magma@ecologica.com.br](mailto:magma@ecologica.com.br)

O homem, em praticamente todas as culturas, utiliza-se de datas e fatos como elementos referenciais para sua própria existência. A cronologia dos fatos, favorece o entendimento social da história, permitindo, a cada indivíduo, um referencial diuturno para a sua inserção, enquanto cápsula de cultura, em um contexto maior, a sociedade.

A comemoração de algumas datas de cunho individual reafirma a existência do próprio indivíduo. O seu nascimento, o casamento, a formatura, dentre outras, constituem-se em datas referenciais da existência individual. Datas mais genéricas, que transcendam ao indivíduo, suscitam lembranças históricas, quer positivas ou negativas, que conduzem a reflexões de uma sociedade quanto a um determinado fato que estabeleceu uma referencia em sua história. O final de ano, além das confraternizações natalinas, presta-se para uma avaliação, tanto individual quanto coletiva, do ocorrido no ano que finda. Avaliação que conduz ao planejamento do ano vindouro. Reflexão, avaliação ou planejamento que poderiam, com certeza, ocorrer em qualquer outra época. Entretanto, o ano constitui-se em uma unidade de tempo de nossa sociedade e o seu término um referencial. O balanço de empresas, seu lucro ou prejuízo, a aprovação ou reprovação nos estudos, constituem-se em exemplos de avaliações relacionadas com datas ou períodos.

Após o estabelecimento do contato euro-indígena, as terras americanas vivenciaram uma significativa transformação em sua realidade cultural, social, histórica, e ambiental. Ao longo deste período, ocorreram sucessivas avaliações. Entretanto, o momento atual, em que não apenas haverá uma passagem de ano, mas também de século e milênio, parece ser uma data das mais oportunas para uma avaliação reflexiva. Reflexão do Novo Mundo, criado nos últimos 500 anos. Novo Mundo que assistiu a conquistas territoriais, a miscigenação de culturas e etnias, a sucessivas mudanças na organização social do trabalho, a implantação de diferentes estruturas de poder. Enfim, a criação de um Novo Mundo, novo para os europeus, novo para os americanos.



Ao longo destes quinhentos anos, muito se produziu. Cronistas e viajantes, oficiais ou aventureiros, registraram suas observações em gravuras, pinturas ou relatos. Correspondências, oficiais ou particulares, dão conta de parte da problemática vivenciada durante todo este período. Testamentos evidenciam as posses de uma parte da sociedade. Plantas retratam a traça de igrejas, fortes e palácios, pelo menos do que se pensa que foi construído. Em todos os casos, entretanto, documentos produzidos por uma fração da sociedade que se implantava nas terras do Novo Mundo.

Documentação de grande valia para o entendimento de parte da história destes últimos quinhentos anos. Documentação primária que foi trabalhada exaustivamente por inúmeros autores e que permitiu a produção de notáveis obras de referência e síntese.

Com a proximidade das comemorações dos quinhentos anos de descobrimento do Brasil, houve um processo de produção em larga escala, tanto por parte de autores portugueses como de brasileiros. Em muitas destas publicações pode-se observar o reflexo das tendências da História atual, com a incorporação de novas fontes para a História. Tem sido utilizado a iconografia, como também alguns aspectos da chamada cultura material. Entretanto, mesmo com a incorporação de novas fontes, a História apresenta limitações intrínsecas, como qualquer outra área do conhecimento. Dentre as principais limitações, destaca-se a fonte produtora da documentação primária como também o conteúdo desta mesma documentação.

Embora a documentação primária refira-se a todos os segmentos sociais envolvidos em um determinado período, reflete necessariamente a ótica de um segmento, o da classe dominante, o da classe produtora destes mesmos documentos.

O segundo aspecto, o do conteúdo da documentação primária, também apresenta distorções inerentes a própria dinâmica social. Nem sempre o que está escrito corresponde a realidade, mesmo considerando todas as implicações referentes ao conceito de realidade. As negociações e acordos, que antecedem a produção de um documento, nem sempre são confessáveis, e muito menos escritas. Entretanto, mesmo considerando estas limitações, esta é a matéria prima da História e como tal deve ser trabalhada.

A arqueologia, de um modo geral, e a arqueologia histórica de modo particular, também apresenta suas limitações intrínsecas, entretanto, um grande e valioso potencial para uma releitura do processo de contato e de inserção do Novo Mundo no Sistema Mundial.

A sua prática, ao contrário da História, não privilegia classe, mas sim, trabalha com os elementos materiais da cultura, independentemente de quem os produziu. Escava e analisa a casa grande e a senzala, analisa o conteúdo abdominal do senhor e do escravo, do general e do soldado, do padre e dos fiéis. Utiliza-se das fontes históricas como elementos referenciais, mas não conclui se não constatado. Uma planta de uma edificação, resgatada documentalente, constitui-se em um grande referencial para a arqueologia histórica, entretanto, a avaliação da construção, do ponto de vista arqueológico, não se restringe ao que deve ter sido construído, mas sobretudo ao que de fato foi construído. A constatação de etapas da construção, da matéria prima utilizada, da qualificação da mão de obra utilizada, das modificações realizadas na concepção original, das relações e funções do espaço utilizado, enfim de um conjunto de elementos e suas relações, que metodologicamente escapam ao documento histórico, constituem-se em elementos que permitem a síntese arqueológica.



A arqueologia histórica tem, nos últimos anos, dado uma significativa contribuição para o entendimento das sociedades envolvidas com o processo do contato euro-americano como também de seus desdobramentos posteriores. Entretanto, a despeito desta contribuição, e considerando a proximidade dos quinhentos anos de descobrimento do Brasil, parece oportuno que seja utilizada esta data para a realização de algumas reflexões. Reflexões quanto a prática da própria arqueologia histórica e de seus resultados. Reflexões quanto a estratégia ou estratégias a serem utilizadas para que se possa iniciar um processo de releitura deste período sob a ótica da arqueologia histórica.

Encontros nacionais, como o congresso da SAB, parece ser o fórum adequado para o estabelecimento de estratégias que permitam a elaboração de planos e projetos amplos de modo a permitir uma conjugação de esforços direcionados para a colimação destes objetivos.

Parece obvio, embora seja oportuno, lembrar que o referencial teórico-metodológico deva ser priorizado antes de se traçar uma estratégia de pesquisa. A falta ou a debilidade deste referencial tem prejudicado de forma substancial o crescimento harmônico da arqueologia histórica de um modo geral e particularmente a praticada no Brasil. Parece-me que não podemos continuar escavando sem problemas, do ponto de vista epistemológico, e conseqüentemente sem hipóteses. A descoberta de um muro, de um fosso, ou da tralha doméstica, apenas fará sentido caso se encontre vinculada a uma problemática mais ampla, que objetive se alcançar a síntese. Esta síntese, ou melhor um conjunto crescente e acumulativo de sínteses, permitirá, com certeza, um entendimento mais amplo do processo histórico cultural ocorrido no Novo Mundo nos últimos quinhentos anos.

Grande parte da produção da arqueologia histórica brasileira tem se voltado para os mais diversos tipos de sítio. Igrejas, cemitérios, engenhos, fortes, campos de batalha, vilas, caminhos, etc., tem sido freqüentemente escavados. As distancias temporais, espaciais e metodológicas entre estas abordagens setoriais não tem permitido a elaboração de um bojo de conhecimento coerente, capaz de permitir uma leitura conjunta deste passado recente do Brasil, com base nos elementos materiais da cultura. Conseqüentemente, a ausência desta leitura tem impedido a realização de uma releitura do conhecimento até então produzido pelas áreas afins. Ora, se a arqueologia histórica não se demonstrar capaz de produzir uma síntese contundente do seu objeto de estudo, será difícil conquistar a credibilidade necessária a sua operacionalização e superar a etapa de curiosidade e excentricidade em que freqüentemente se encontra mergulhada.

Os elementos materiais da cultura, resgatados arqueologicamente mediante uma metodologia adequada, e submetidos a um processo de análise compatível com a metodologia empregada, deverá proporcionar uma síntese pujante que permita um entendimento diferenciado da sociedade estudada. Este entendimento, deverá ser necessariamente diferenciado, em virtude das diferenças existentes entre o material estudada pela arqueologia e pelas demais áreas que também buscam o entendimento de uma determinada sociedade.

Caso a arqueologia histórica não consiga produzir uma síntese diferenciada das produzidas por outras áreas, dificilmente se afirmará como ciência e muito menos como necessidade.



Muitos órgãos públicos e profissionais liberais vêem na arqueologia uma prática pitoresca. Parece que a busca arqueológica volta-se para a curiosidade ou para peças isoladas de seu contexto. Parece ser suficiente, para este segmento, encontrar um capitel ou uma coluna para balizar as projeções arquitetônicas, o que poderia ser encontrado por arquitetos ou mesmo por operários.

É provável, inclusive, que órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, que tem sob a sua responsabilidade o patrimônio nacional, não tenha ainda se apercebido das diferenças significativas entre a abordagem da arqueologia histórica e a prospeção arquitetônica. Até porque, se tivesse percebido não permitiria que fosse realizada uma restauração sem que antes o monumento sofresse uma intervenção arqueológica. Pois, enquanto a prospeção arquitetônica busca elementos indicadores de um período, como fragmentos de um retábulo, capitéis, ou outro qualquer elemento que possibilite uma pista para a restauração, a arqueologia histórica busca rescrever, com base nos elementos materiais daquela cultura, a história da sociedade que os produziu. Abordagem completamente distinta, tanto em meios como em objetivos. Que direito temos nós em negligenciar, obscurecer, privar ou retardar o conhecimento do passado às sociedades do presente, em nome apenas da preservação de um espaço arquitetônico? Porque os espaços profissionais não são devidamente respeitados, até porque os mesmos não se apresentam de forma auto-excludente. Por que não restaurar um espaço arquitetônico e resgatar simultaneamente a história da sociedade que produziu este espaço? História não apenas contida nos documentos textuais, mas também aquela contida nas relações materiais objeto de estudo da arqueologia. Informações estas, normalmente silenciadas pelos procedimentos convencionais de restauração.

Nos dias atuais, parece-me inadmissível que se realize uma restauração sem que antes haja uma escavação arqueológica. A pesquisa arqueológica deve necessariamente anteceder o projeto de restauração. Desta forma, os restauradores disporão de uma documentação que os permitirá elaborar um projeto em bases sólidas, reduzindo-se ao mínimo o nível das conjecturas. Esta divisão de esforços e de responsabilidades melhorará a qualidade das restaurações, e conseqüentemente beneficiará a sociedade, tanto a presente quanto a futura.

Esperemos que este período, fértil para reflexões, seja propício para um diálogo mais aberto entre arqueólogos e arquitetos. Até porque, a tendência do mundo moderno, voltada para o relativismo, induz a que se rotacione o observador, e conseqüentemente se veja a verdade" sob diferentes ângulos.

A arqueologia histórica, por seu turno, deverá também refletir sobre a sua produção. Pois, caso não consiga produzir uma síntese que a diferencie da simples prospeção arquitetônica com a mesma se confundirá e perderá o seu significado intrínseco.

Como existem inúmeras maneiras da arqueologia histórica contribuir para o entendimento da sociedade estudada, discutiremos uma delas com o objetivo de tentar sistematizar os estudos até então realizados.

Estas reflexões parecem permitir que os estudos até então realizados, com apenas pequenas adaptações, possam ser reunidos de modo a gerar um conhecimento que seja absorvido, não apenas por especialistas, mas que sobretudo possa retornar a sociedade sobre as mais diferentes formas, inclusive com retorno para o nível médio. Parece ainda que esta sugestão, possa por algum tempo, contribuir para sistematizar a formulação de problemas e conseqüentemente balizar a elaboração de projetos.



Pode-se admitir que qualquer sociedade humana se organiza em grandes sistemas e que estes sejam subdivididos em subsistemas. Embora cada sociedade tenha desenvolvido sua maneira própria e particular de resolver seus problemas, existe um patamar comum de necessidades que são atendidos pelos subsistemas básicos. O estudo e a sistematização cronológica destes subsistemas permitirá uma visão, de longa duração, dos últimos quinhentos anos do Novo Mundo.

Poderia ser considerado para efeito da pesquisa em arqueologia histórica os seguintes subsistemas básicos:

1- Alimentação

2- Habitação

3- Defesa

5- Produção

6- Transporte

7- Comunicação

8- Saúde

9- Ideológico

A tecnologia poderia não ser considerada como um subsistema, mas sim como o "modus operandi", característico da sociedade estudada, que funcionaria como impulso ou limitação para a operacionalização de todos os subsistemas.

Associado a perspectiva dos subsistemas pode-se considerar que, qualquer bem material produzido pelo homem passa necessariamente por alguns procedimentos fundamentais que atuam de forma seqüencial ou não. Estas etapas poderão ser divididas em:

1- Necessidade

2- Concepção

3- Escolha da matéria prima



4- Elaboração

5- Utilização

6- Descarte

7- Reutilização

Uma outra perspectiva que parece ser útil é a cronológica. Poderia-se, talvez, ordenar os dados já produzidos por quartel de século, o mesmo ocorrendo com os novos trabalhos que viriam a ser desenvolvidos.

A conjugação destes procedimentos, associados a perspectiva dos subsistemas, e observados em um espaço definido, poderá fornecer uma visão útil ao estado atual da arqueologia histórica no Brasil.

Quando da chegada dos portugueses em 1500, até os dias atuais, todas as comunidades se alimentaram. Esta afirmação parece óbvia, e o é, entretanto, apesar de toda obviedade de que é revestida, este segmento cotidiano da atividade humana tem sido freqüentemente negligenciado, tanto pelos estudos históricos quanto pelos arqueológicos, sem contar com praticamente todos os trabalhos de restauração, nos quais este aspecto não apenas é negligenciado mas sobretudo prejudicado. A arqueologia histórica com certeza dará uma extraordinária contribuição para o entendimento deste subsistema. Contribuição que não se fará apenas no resgate de práticas alimentares, mas que permitirá inferências no campo da nutrição, de patologias carências e da economia.

O estudo do subsistema alimentar poderá ser subdividido em itens menores e mais especializados como:

1. Fontes de alimento
2.
 1. Proteínas
 2. Carboriratos
 3. Gorduras
3. Origem do alimento
4.
 1. Produção local
 2. Produção regional
 3. Importado
5. Embalagem do alimento



- 5. Embalagem do alimento
- 6.
 - 1. Local
 - 2. Importada
 - 3. Fabrico
 - 4. Comercialização
 - 5. Marcas
 - 6. Cronologia
 - 7. Associação com classe social
- 7. Conservação o alimento
- 8.
 - 1. Técnicas de conservação
- 9. Preparo do alimento
- 10.
 - 1. Técnicas
 - 2. Utensílios
- 11. Uso do alimento
- 12.
 - 1. Práticas alimentares
 - 2.
 - 1. Coletivas
 - 2. Individuais
 - 3. Utensílios
 - 4.
 - 1. Forma
 - 2. Função
 - 3. Fabricação
 - 4. Cronologia

Pode-se recuperar a fonte dos alimentos da sociedade estudada através de inúmeros procedimentos. Restos de cozinha são freqüentemente resgatados na maioria dos sítios arqueológicos escavados. Deve ser considerado, entre este material, não apenas os restos orgânicos, mas também outros, que são excelentes indicadores de praticas alimentares. Aros de barril de bacalhau, embalagem de azeite, embalagem de vinho e outros tipos de embalagens contribuem com informações importantes acerca das práticas alimentares.



Caso seja encontrado sepultamento no sítio escavado, os mesmos devem ser estudados com o objetivo de se obter informação quanto ao padrão alimentar. Neste estudo deve ser utilizado o conteúdo alimentar, obtido através de coprólitos, o conteúdo abdominal e análise osteológica. Esta análise, para o estudo deste subsistema, deve privilegiar anomalias ósseas decorrentes de doenças carenciais, bem como dosagens ósseas que reflitam o estado nutricional. O resultado destes estudos devem ser submetidos a uma avaliação nutricional, o que permitirá o conhecimento não apenas da dieta, mas sobretudo da relação proteína/carboridrato/gorduras. Este estudo deve permitir uma avaliação da população estudada quanto aos aspectos nutricionais e suas prováveis doenças carenciais.

O estudo ambiental da área, na qual se encontra o sítio, permitirá uma avaliação dos recursos alimentares disponíveis localmente e que deverá ser associado as informações encontradas na escavação. Este procedimento é de suma importância, do ponto de vista cultural, pois pode informar quanto a tabus alimentares ou desconhecimento dos recursos. Esta informação permitirá ainda, em um estudo de longa duração, o entendimento do processo de incorporação gradual de novos alimentos, já existentes no local.

Realizada esta primeira etapa, deve-se procurar a origem dos alimentos. Vários indicadores podem permitir a identificação da origem do alimento. Esta avaliação permitirá o estabelecimento de inferências em diferentes segmentos da sociedade. Pode-se destacar informações quanto as preferencias alimentares, classe social, situação financeira, regularidade e tipo de comércio, dentre outras informações possíveis.

As embalagens que continham os alimentos podem complementar as informações obtidas através dos estudos biológicos já realizados. O material utilizado nas embalagens, que pode ter sido produzido localmente ou ter sido importado, deve ser analisado cuidadosamente. A análise das marcas, caso existentes, remetem de imediato para o local de origem do seu fabrico além de fornecer um extraordinário referencial cronológico. Informa ainda sobre as relações comerciais existentes. Comércio interno na colônia, ou externo, entre a colônia e a metrópole. Muitas vezes, entretanto, estas informações apenas podem ser obtidas através de uma análise do método de manufatura, da decoração ou de outros elementos relacionados ao seu fabrico.

As informações colhidas nesta etapa da análise remetem ainda para uma avaliação da classe social que adquiriu este material.

Quando possível a observação, é interessante o resgate das técnicas de conservação dos alimentos. Deve-se incluir neste item o transporte e armazenamento da água. A presença de dispensa, de ganchos para pendurar carne, de material utilizado na salga, etc., constituem-se em elementos materiais que informam quanto a esta categoria de observação.



O preparo dos alimentos constitui-se em uma técnica elaborada e complexa que caracteriza e individualiza cada grupo social. Muitas destas técnicas podem ser percebidas, do ponto de vista material, através do material arqueológico freqüentemente encontrado nas escavações. O tamanho dos ossos dos animais utilizados na alimentação do grupo, as marcas de faca ou serra, o tamanho e a forma dos vasilhames utilizados, a presença de peças de fornos ou fogões, dentre outros elementos, informam quanto a preferencias de assados, frituras ou cozimento. Facas, colheres, escumadeiras, panelas, tachos, peneiras, etc., também são muito úteis para este tipo de análise. Deve ser considerado que freqüentemente estes materiais se apresentam de forma muito fragmentada o que exige do arqueólogo uma grande perspicácia para a sua identificação.

O uso do alimento constitui-se em outro elemento de grande importância para o entendimento da sociedade estudada. Alimentos são consumidos na mesa ou em campanha. Podem ser consumidos de forma individual ou coletiva. Mesmo as formas de consumo podem variar de acordo com o tipo de alimento, a classe social ou a posição hierárquica. Todos os utensílios utilizados e regatados arqueologicamente devem ser submetidos a um minucioso procedimento analítico. A forma e a função dos vasilhames podem permitir o resgate destas práticas.

Deve ainda ser efetuado um estudo desta tralha domestica com o objetivo de resgatar o cotidiano desta atividade. A matéria prima utilizada pode relacionar-se com a classe social que se utilizou deste material. Pode-se ainda obter informações quanto a absorção de um determinado material por uma classe menos abastada. Muitas vezes esta absorção ocorre com a manutenção da forma e com a alteração da matéria prima. Deve-se levar em consideração ainda a concepção destes materiais, a matéria prima utilizada, as técnicas de elaboração, as forma de utilização, o descarte e as formas de reutilização. Algumas vezes, a mudança de classe social acarreta uma mudança de função.

Como pode-se observar, embora apresentado de uma maneira extremamente sucinta, apenas o item voltado para a alimentação, visto sob o prisma arqueológico, enriquecerá o conhecimento de uma forma muito particular, a arqueológica. Esta perspectiva de abordagem seria literalmente impossível caso um monumento a ser restaurado recebesse apenas um tratamento espacial.

A habitação constitui-se em um outro subsistema que deve ser submetido a um tratamento observacional específico. Um trabalho de pesquisa arqueológica que escave uma unidade habitacional deve considerar pelo menos os seguintes aspectos:

1. A concepção
2.
 1. A traça
 2. Os cômodos
 3. A orientação
 4.
 1. Do conjunto



2. Com mudança de função

Quando possível, deve-se resgatar informações históricas, tanto textuais quanto iconográficas, sobre a habitação a ser escavada. Estas informações devem pelo menos nortear a formulação de problemas, apesar de se saber que nem sempre as plantas ou gravuras retratam fielmente o que de fato foi efetivamente construído. Através de plantas ou da realidade encontrada, deve-se observar a concepção da construção. Concepção quanto a distribuição dos cômodos, tamanho, proporção relativa entre os mesmos etc. Observe-se que culturas, classes, épocas etc., guardam proporções entre os cômodos e que através de um cálculo de regressão é possível se recuperar inclusive a possível localização de cômodos não identificados na superfície.

A orientação, tanto do conjunto quanto dos cômodos, contem informações históricas e culturais muito significativas para o entendimento de preferências, classe social, etc., relacionada a momentos cronológicos distintos. Esta observação pode fornecer dados significativos para a visualização da mobilidade temporal dos cômodos e a valoração das atividades neles desenvolvidas.

Identificado, na escavação, a matéria prima utilizada nas diferentes etapas da construção é de significativa importância o estudo ambiental da área na qual se encontra o sítio. Este estudo deverá fornecer elementos para que seja identificada a disponibilidade local de fornecimento de matéria prima adequada a construção em estudo. A avaliação da adequação deve levar em consideração os recursos técnicos disponíveis, à época da construção, como ainda as preferências culturais e as disponibilidades econômicas. Durante as escavações deve ser observado cuidadosamente o tipo de material utilizado na base, no levantamento das paredes, no teto, nas portas e janelas, como ainda a natureza, a qualidade e a origem do material cimentante. Uma alteração do traço do material cimentante pode ser um valioso indicador de distintos momentos da construção.

Deve ainda ser observada e descrita, a técnica utilizada na construção em suas diferentes etapas. O tipo de alicerce, como o mesmo foi disposto, a arrumação dos tijolos ou pedras, o tipo, traço do reboco, o tipo de amarração das paredes, o pé direito, a empena, o angulo da empena, o tipo de telhado e sua sustentação. Estas informações não apenas refletirão as técnicas e preferências por classe social e período cronológico, como ainda permitirão inferências quanto a disponibilidade e qualificação da mão de obra utilizada.

Muitas informações podem ser obtidas arqueologicamente quanto a utilização da habitação. Sinais de uso são freqüentemente observáveis como desgaste nas paredes decorrentes da utilização de redes, marcas de bancos e cadeiras, fuligem de candeeiros, marcas de cabides, fuligem de fogões, e tantas outras que permitirão inferências quanto ao uso da habitação. A disposição de portas e janelas, tanto externas quanto internas, podem refletir concepções tanto quanto a segurança como a pudores da sociedade estudada.

Existem indícios arqueológicos que podem informar quanto ao abandono do sítio. Inclusive se o abandono deu-se de forma programada ou brusca. O arqueólogo deve desenvolver a perspicácia para avaliar se o material que ele encontra é fruto de uma perda ocasional ou descarte voluntário ou se o material foi abandonado de forma brusca, em decorrência de fatores como uma invasão ou algo semelhante que provoque uma retirada de emergência.



2. Dos cômodos

3. A matéria prima

4.
 1. Disponibilidade local
 2. Importação
 3.
 1. Matéria prima da base
 2. Matéria prima das paredes
 3. Matéria prima do teto
 4. Matéria prima de portas e janelas

5. A Construção

6.
 1.
 1. Técnica de construção da base
 2. Técnica de construção das paredes
 3. Técnica de construção do teto
 4. Técnica de construção do piso
 5. Técnica de construção e assentamento de portas e janelas
 6. A mão de obra

7. A utilização

8.
 1. Sinais de uso
 2. A ocupação e função dos cômodos

9. O abandono

10.
 1. Natural
 2. Compulsório

11. A reutilização

12.
 1. Pelo mesmo grupo social
 2. Por diferente grupo social
 3.
 1. Com função análoga



A unidade escavada pode ter, ao longo de sua história, sofrido mais de uma ocupação. A reutilização pode ter sido praticada pelo mesmo grupo social ou não. Em todo caso, é de suma importância a observação quanto a sua função. Algumas vezes a reutilização implica em uma mudança de função.

As estruturas de defesa devem ser estudadas em diferentes perspectivas. Um forte é indiscutivelmente uma unidade de defesa, entretanto o seu estudo não deverá ser processado de forma individual. Deve ser observado se o mesmo foi planejado para uma ação individual ou coletiva, ou seja, se integrava uma linha de defesa ou se atuava de forma isolada. A sua construção deve ser observada de modo análogo ao preconizado para as estruturas habitacionais, incluindo-se, obviamente uma avaliação voltada para a sua funcionalidade. Ângulos salientes ou reentrantes, bastiões, berma, fosso, glacis etc., devem ser avaliados. Do mesmo modo que a função das dependências e suas possíveis reutilizações. Vestígios de combate podem ser detectados arqueologicamente com relativa facilidade. Se o arqueólogo considera um forte como uma unidade funcional integrante do subsistema de defesa, deve considerar que nele coexistia os demais subsistemas. Desta forma deve ser observado como se praticava a defesa interna e externa da fortificação, e como era operacionalizado os demais subsistemas. Restos alimentares e material de copa/cozinha, devem ser avaliados, como também já foi preconizado. A avaliação, tanto do armamento como do inimigo potencial, não deve passar despercebido ao pesquisador. O mesmo ocorrendo com o estudo ambiental, no qual deva ser incluído uma avaliação, tanto do ponto de vista estratégico quanto logístico.

O estudo da reutilização, no caso de uma fortificação, assume uma conotação especial em virtude da mesma significar uma troca de bandeira, ou seja, a sua reocupação pode significar uma tomada de posição.

O subsistema produtivo também pode ser estudado sob a ótica arqueológica. As informações textuais e iconográficas devem ser utilizadas na medida do possível e da disponibilidade. Entretanto, a vertente arqueológica permitirá uma releitura deste processo. Pois, do mesmo modo que em outros subsistemas, muitas informações não foram dignas" de nota, como instrumentos de trabalho e sua ergonomia, a qualidade e eficácia do material, dentre outras informações de suma importância para o entendimento do processo produtivo.

Pode-se destacar para o estudo deste subsistema os seguintes itens:

1. Produção para o consumo local
2.
 1. Agropecuária
 2.
 1. Produção
 2. Extrativismo
 3. Material de construção
 4. Metalurgia
 5. Cerâmica utilitária
 6. Tecelagem



6. Tecelagem
7. Outros
3. Produção para exportação
4.
 1. Agropecuária
 2.
 1. Produção
 2. Extrativismo
 3. Mineração

O subsistema produtivo esteve voltado basicamente para atender tanto as necessidades locais quanto as de exportação. Estrategicamente não era produtor de um estabelecimento de uma política na qual houvesse uma dependência total da colônia. Desta forma, desde os primeiros tempos de fixação dos europeus em terras americanas, houve uma integração com os hábitos locais, dos quais muitas práticas ainda permanecem nos dias atuais. As atividades relacionadas com a obtenção de alimento estiveram voltadas para dois segmentos distintos, o extrativismo e a produção de subsistência. O litoral brasileiro, primeira porção territorial ocupada pelos portugueses, oferecia um suporte alimentar que supria os primeiros colonos sem que houvesse a necessidade de um abastecimento vindo da Europa. A prática da caça e da coleta supria as necessidades protéicas que eram complementadas com o suporte vitamínico e de sais minerais oriundos da coleta de frutos. Os carboidratos eram fornecidos basicamente pela mandioca, trocada com os nativos, no início, e cultivada pelos colonos em seguida.

O estudo de qualquer unidade funcional deverá fornecer elementos materiais capazes de possibilitar uma avaliação das práticas alimentares destes grupos. A ocorrência de esqueletos, conforme já descrito anteriormente, facilitará esta avaliação.

A produção do material utilizado nas construções constitui-se em outro elemento de fundamental importância para a arqueologia histórica. Como eram produzidos tijolos, telhas, as linhas para cobertura, enfim o conjunto de elementos que informam não apenas sobre as preferências, mais ainda, sobre a qualidade da mão de obra e conseqüentemente da produção. As fôrmas para tijolos e telhas, o tipo de cozimento, a matéria prima, etc., são elementos que devem ser analisados, sobretudo observando-se o proposto acima quanto a necessidade, seleção da matéria prima, fabrico, utilização, etc.. Observação análoga deverá ser desenvolvida para a metalurgia, tanto a construtiva quanto a bélica. O mesmo deverá ocorrer para as demais categorias produzidas localmente como a tecelagem, a cerâmica utilitária e qualquer outra atividade do gênero.

A produção voltada para a exportação deixou vestígios materiais suficientes para o estudo arqueológico. Fragmentos de caldeiraria, enxadas e similares, fôrmas de açúcar e demais elementos utilizados na produção podem ser resgatados arqueologicamente e conseqüentemente fornecer subsídios para o melhor entendimento desta atividade.

A mineração é uma outra atividade produtiva que proporciona inúmeros vestígios arqueológicos. Vestígios inclusive de outros subsistemas que permitirão uma recomposição arqueológica do cotidiano da sociedade que a praticava.



O subsistema de transporte pode também ser avaliado sobre diferentes prismas. Deve-se considerar o transporte de uma forma ampla na qual se considere:

1. Equipamento de transporte
2. Vias de transporte
3.
 1. Terrestre
 2.
 1. Trilhas, caminhos e estradas
 3. Fluvial
 4. Marítimo
4. Material transportado

O subsistema de transporte sempre esteve presente em praticamente todas as atividades humanas. A operacionalização deste subsistema, entretanto, variou de forma substantiva ao longo de sua história. Variação tanto de caráter conceitual quanto material. A arqueologia histórica também é capaz de fornecer subsídios para o entendimento desta atividade. O arqueólogo ao escavar qualquer sítio arqueológico deverá estar atento para a identificação de indícios deste subsistema. Pois, não existe nenhuma unidade funcional que se encontre isolada de seu contexto. Trilhas, caminhos ou estradas, podem ser localizadas arqueologicamente, através de procedimentos geofísicos ou de escavação. A técnica de construção destas vias deve ser minuciosamente descrita e avaliada. A identificação da largura, extensão, material de construção, compactação, e pontos interligados devem constituir-se em procedimentos de rotina.

As observações quanto a este subsistema devem, sempre que possível, ser conectadas com as efetuadas para os demais subsistemas, pois, como já foi dito, todas as demais atividades utilizaram-se do transporte para a sua execução. No caso da conexão com o subsistema de defesa, o arqueólogo deverá estar atento para o fato de que qualquer acesso a fronteira significa também a possibilidade de acesso do inimigo, o que deverá ser avaliados detidamente.

O transporte lacustre, fluvial e marítimo foi largamente utilizado no período colonial e subsequentes. O seu estudo deve privilegiar rotas, portos, barras, construções de apoio e demais componentes auxiliares ou complementares desta atividade.

Os equipamentos utilizados no transporte podem ser resgatados arqueologicamente com relativa facilidade através de seus componentes. Fragmentos de carros de boi, de liteira, pregos de barcos, cravos de dormentes e demais componentes são indicadores desta função. A análise e avaliação deste subsistema deverá ser efetuada também com a perspectiva de integração com os demais subsistemas. Deve ser incluído, ainda, um estudo ambiental que permitirá inferências quanto a facilidades ou impecilios para a atividade de transporte. A topografia, a profundidade dos rios, a presença de canais, a existência de barras, o acesso às barras, são elementos de suma importância para o entendimento processual desta atividade.



Índice de Textos	
Autor	Título

Anais da IX SAB

Índice de Resumos	
Autor	Título



O estudo do subsistema de comunicação deverá abranger todas as possibilidades de resgate de informações materiais referentes ao processo de comunicação. Meios e técnicas utilizadas, de modo direto ou indireto, para o registro ou transmissão de uma mensagem. Gravuras em lápides, datas de construção ou reformas, simbolismos expressos materialmente, teor da linguagem, instrumentos de gravura ou impressão, etc., devem ser registrados e analisados. O estudo deste subsistema interliga-se necessariamente com os demais e sobretudo com o ideológico.

O envolvimento com a saúde constitui-se em um outro subsistema imprescindível ao estudo da arqueologia histórica. Práticas médicas ou paramédicas, medicina popular etc., podem ser, com alguma facilidade, detectadas materialmente em uma escavação arqueológica. Instrumentos e equipamentos ligados a esta prática tem sido resgatados com frequência em escavações arqueológicas. Este material deverá ser classificado segundo critérios voltados para a sua operacionalização, tais como:

1. Medicina preventiva
2. Medicina curativa

Além desta subdivisão o material estudado deverá ser comparado com a tecnologia médica da época e com as adequações e adaptações locais.



O subsistema ideológico talvez se constitua no mais complexo subsistema estudado pela arqueologia histórica. Entretanto, muitas das categorias abstratas são materializadas de modo a permitir a compreensão por parte da sociedade que as produziu. A arqueologia histórica possui, portanto, elementos materiais capazes de penetrar neste subsistema. Para efeito operacional poder-se-ia pensar em duas categorias ideológicas; a normativa e a explicativa.

Concepções de justiça, de normas sociais, de desvios de comportamento, poderiam ser captadas em suas manifestações materiais como casa de câmara e cadeia, pelourinho, instrumentos de punição, etc.. As dimensões, localização, qualidade da construção, etc., são elementos de suma importância para uma avaliação arqueológica. O estudo de sepultamentos pode também trazer informações significativas quanto a este subsistema. Degola, amputações, enforcamentos, etc., podem ser observados pela arqueologia histórica.

As igrejas e capelas, oferecem também informações contundentes para o entendimento de parte deste subsistema. A orientação, dimensão, ornamentação, estilo, invocação, e demais componentes constituem-se em elementos extremamente valiosos para o estudo arqueológico.

Os cemitérios permitem o resgate de informações quanto ao que se pensava sobre a morte. Frequentemente encontra-se um mobiliário funerário que serve de indicador de culto, de crenças, o que permite o seu relacionamento com classes sociais.

Para todas as informações arqueológicas resgatadas, de acordo com esta perspectiva, deve-se aplicar os critérios acima propostos, associados a outras informações de natureza textual ou iconográfica disponível.

Este trabalho não constitui-se ainda em uma proposta, apenas procura sinalizar na direção de uma reflexão quanto ao procedimento operacional da arqueologia histórica. Acredito, entretanto, que o seu aprimoramento possa vir a permitir que a arqueologia histórica propicie resultados eminentemente arqueológicos e que estes resultados difiram de forma substantiva dos obtidos através de outros procedimentos, também válidos e desejáveis.

No momento em que a arqueologia histórica possa formular seus próprios problemas, e conseqüentemente apresentar uma releitura do seu objeto de estudo, estará atingindo uma maturidade necessária à sua prática, e contribuindo de forma substancial para o entendimento do passado com vista a formação da cidadania nas sociedades do presente. Mais ainda, estará permitindo que as sociedades do presente, ao conhecerem seus passados, possam ter efetivamente uma perspectiva de futuro.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia Histórica: uma releitura dos Descobrimentos. In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA - SAB, 9., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SAB, 2000. CD-ROM.